

Musealização da migração

Memória ou esquecimento

¹A criação de museus de migração em Portugal e na Alemanha não deve ser vista como um fenómeno isolado, inscrevendo-se, antes, numa tendência para a musealização da migração a nível europeu e mesmo mundial. Nos Estados Unidos da América, cuja história está intimamente ligada à imigração, foi inaugurado em 1990 o Immigration Museum em Ellis Island. Em breve se seguíam iniciativas museológicas em outros países com uma experiência semelhante de imigração: o Migration Museum South Australia (1986) e o Immigration Museum Melbourne Victoria (1998), ambos na Austrália; o Memorial do Imigrante, no Brasil (1998); o museu Pier 21, no Canadá (1999). Mais ou menos simultaneamente surgiam na Europa museus dedicados à emigração ou à imigração: o Institute of Migration na Finlândia (1974); o Mångkulturellt Centrum (1987) e o Statens Museer för Världskultur (1999) na Suécia; o Immigrantmuseet (1997) na Dinamarca; o San Marino Study Centre on Emigration, em San Marino (1997); o Migrationsmuseum (1998) na Suíça; o Kosmopolis (2004) nos Países Baixos; a Cité Nationale de l'Histoire de l'Immigration (2004) na França; o Srpski Muzej Rasejanja i Seoba na Sérvia; 19 Princelet Street na Grã-Bretanha; o Cobh Heritage Centre na Irlanda, o Altretalieu, na Itália; o Museu d'Història de la Immigració de Catalunya, na Catalunha (Migration Museums Network 2008).

1. INTRODUÇÃO

Armando Rodrigues de Sá posa para os jornalistas na sua nova mota *Zündapp Sport Combimett*, sobre a qual repousa um ramo de flores. O seu olhar revela inquietação, insegurança, mas igualmente algum orgulho por ter sido recebido na República Federal da Alemanha com pompa e circunstância. Armando Rodrigues de Sá, português originário de Vale de Madeiros, Freguesia de Canas de Senhorim, dava entrada no dia 11 de Setembro de 1964 na estação de Köln-Deutz, Colónia, como o milionésimo “trabalhador-convidado” da República Federal da Alemanha. Neste acontecimento simbólico se entrelaça a história da emigração portuguesa e da imigração alemã do século XX. Numa década, na qual em Portugal se assistia à emigração em massa de portugueses, a Alemanha tornava-se um dos países receptores desses e de outros milhões de emigrantes vindos do Sul da Europa e do Norte de África.

Estas histórias têm vindo a ser objecto de práticas memorialísticas em ambos os países. De facto, tanto na Alemanha como em Portugal podemos assistir a várias iniciativas de memorialização do tema da migração no espaço público, com destaque para a criação de museus de migração¹. Como interpretar esta necessidade de musealização do tema da migração? Qual a função social que a memória desempenha em ambos os casos? São estas as questões que serão discutidas em seguida, tendo como ponto de partida a história e a memória da imigração alemã e da emigração portuguesa das décadas de 1960 e de 1970. Com a ajuda de alguns conceitos desenvolvidos nos últimos anos nas ciências sociais, serão sistematizadas algumas propostas de leitura das recentes práticas memorialísticas da migração em ambos os países.

2. HISTÓRIA

Para conhecer os pontos de contacto entre Portugal e a Alemanha no que diz respeito aos movimentos migratórios após a Segunda Guerra Mundial, é necessário regressar na história ao contexto do pós-guerra. Foi a partir dos anos 50 que a Alemanha conheceu os fluxos substanciais de imigração, que fazem deste país hoje em dia um país de imigração. Trata-se aqui concretamente da contratação de trabalhadores estrangeiros, necessários à reconstrução do país depois da Segunda Guerra. Se, nos anos imediatamente após o conflito, a reconstrução da Alemanha recorria fundamentalmente à população residente, a partir da década de 1950 a classe política reconhecia a necessidade de recorrer a mão-de-obra estrangeira. Dado que o desemprego masculino se cifrava em 1,8% e o trabalho feminino não era desejado por motivos de política familiar², atingia-se em 1955 um nível de desemprego que não poderia ser superado sem mobilidade regional das zonas rurais para os centros industriais³. Tal mobilidade significaria, contudo, uma demanda acrescida de habitação nas grandes cidades, à qual o país não podia dar resposta. Perante esta situação, o Governo alemão optou pelo recrutamento de trabalhadores vindos do estran-

geiro, como alternativa capaz de resolver os problemas de mão-de-obra sem criar uma demanda excessiva de habitação, já que para estes trabalhadores se construiriam barracas improvisadas para habitação⁴. Começava, assim, com a assinatura do primeiro acordo de contratação com a Itália em 1955, a fase dos chamados *Gastarbeiter* – “trabalhadores-convidados”. A designação é o produto de uma opção política, que procurava, através de contratos a prazo, evitar a imigração a longo prazo. Ao acordo com a Itália seguir-se-iam, em 1960, acordos com a Grécia e a Espanha, em 1961 com a Turquia e em 1963 com Marrocos. Em 1964 era assinado o acordo de recrutamento com Portugal – nele podemos identificar o ponto de intersecção das histórias da imigração alemã e da emigração portuguesa no século XX. Seriam ainda assinados acordos com a Tunísia em 1965 e com a Jugoslávia em 1968. Os acordos de contratação viriam a ser cancelados em 1973, o que o Governo alemão justificaria com a crise do petróleo⁵. Se durante a fase de vigência dos contratos a Alemanha se tornou um país de imigração, tendo a percentagem de cidadãos estrangeiros passado de 0,4% em 1954 para 6,4% em 1973, a verdade é que nem o cancelamento dos contratos nem os incentivos ao regresso trouxeram os efeitos esperados pela classe política de diminuição da imigração. Esta, muito pelo contrário, manteve a tendência crescente, atingindo em 1982 7,6% da população residente⁶. Ao invés do regresso aos países de origem, muitos “trabalhadores-convidados” optaram por estabelecer-se na Alemanha, contribuindo inclusive para o aumento da população estrangeira residente, consequência do direito ao reagrupamento familiar.

Os trabalhadores-convidados eram recebidos normalmente em estações de caminhos-de-ferro, onde eram registados e reencaminhados para as cidades onde se encontravam os empregadores. Os emigrantes vindos do sudoeste da Europa – na maior parte turcos – eram recebido num antigo bunker da Segunda Guerra Mundial perto da estação de caminhos-de-ferro de Munique. Os trabalhadores vindos de Portugal e de Espanha eram acolhidos na estação Köln-Deutz em Colónia.

Armando Rodrigues de Sá foi um dos portugueses que chegaram no ano de 1964 à estação de Köln-Deutz. Ao chegar a Colónia, Armando de Sá foi surpreendido pelo ambiente de festa em torno da sua chegada, pois as autoridades alemãs haviam-no elegido o milionésimo “trabalhador-convidado” que dava entrada na República Federal da Alemanha. O jornal local *Kölnische Rundschau* descreve as festividades da seguinte forma:

Os hinos espanhol e português convidavam os recém-chegados a encenar danças entusiásticas, a tomar goles enérgicos dos garraões e a gritar “Viva Alemanha” [...]. Entre as 8 e as 10:10 os responsáveis da Associação Alemã de Empregadores sofreram o martírio da incerteza. O milionésimo trabalhador-convidado tinha sido escolhido por sorteio, sabendo-se que o milionésimo se encontrava no comboio [...]. No entanto, ontem tomaram conhecimento de que 24 portugueses foram repatriados ao atingir a fronteira, devido a irregularidades nos documentos. “Será”, temiam os representantes da Associação dos Empregadores, “que o nosso favorito se encontra entre os repatriados?” [...] Finalmente às 10:10 o chefe de imprensa da Associação anunciava com alívio: “Encontrámo-lo!”⁷

Com Armando de Sá, vieram no mesmo ano 4.771 portugueses para a Alemanha⁸, sendo que o número de trabalhadores portugueses na Alemanha aumentou continuamente nos anos seguintes⁹. Se no século XIX vários factores haviam levado milhares de portugueses a procurar principalmente no Brasil melhores condições de vida, a tendência emigratória dos anos 60 orientava-se fundamentalmente para a Europa a norte dos Pirenéus. Também as pressões repulsivas, que levaram parte da população a abandonar o país, eram algo diferentes do contexto da emigração para o continente americano no século anterior. Os emigrantes portugueses que, a partir da década de 60, procuravam nos países democráticos e industrializados a norte dos Pirenéus reformular uma existência visavam contornar não só as dificuldades económicas, mas também a ditadura ou, no caso da emigração masculina, a Guerra Colonial. A história da emigração portuguesa da segunda década do século XX é associada em primeira linha com a França, onde em 1970 viviam cerca de 860.000 portugueses¹⁰. No entanto, também a RFA foi um destino importante destes emigrantes portugueses, sendo que em 1970 viviam cerca de 20.000 portugueses na Alemanha¹¹.

²As consequências desta política familiar ainda hoje se fazem sentir, sendo a Alemanha um dos países europeus com a menor taxa de população activa feminina e com a maior desproporção de salários entre homens e mulheres.

³Ulrich Herbert, *Geschichte der Ausländerpolitik in Deutschland*. Bonn: Bundeszentrale für Politische Bildung, 2003, p. 202.

⁴*Ibidem*, p. 203.

⁵*Ibidem*, p. 229.

⁶*Ibidem*, p. 198, 203.

⁷“Die spanische und portugiesische Nationalhymnen rissen die Ankömmlinge zu feurigen Tänzchen, zu kräftigen Schlucken aus lederumhüllten Weinflaschen und zum Ruf ‘Viva Alemania!’ hin [...]. Die Beauftragten des BDA litten zwischen 8 und 10.10 Uhr unter quälender Ungewissheit. Den millionsten Gastarbeiter hatten sie durch Blindtippen herausgepickt – wohl wissend, dass sich der Millionste im Transport befinden musste [...]. Nun wurde gestern bekannt, dass 24 Portugiesen an der Grenze zurückgeschickt worden waren, weil ihre Papiere nicht in Ordnung waren. ‘Sollte’, erschreckte es die BDA-Leute, ‘unser Favorit bei den Zurückgewiesenen sein?’ [...]. Um 10.10 Uhr rief dann [...] der Pressechef des BDA erleichtert: ‘Wir haben ihn! [...]’ (Leroff 1964, 14), tradução de Teresa Pinheiro.

⁸José Luís Garcia *et al.*, *A emigração portuguesa: uma breve introdução*. Lisboa: Ministério dos Negócios Estrangeiros, 1998, p. 69.

⁹Portugiesische Botschaft in Berlin, *40 anos da comunidade portuguesa na Alemanha*. Berlin: Portugiesisch Botschaft, Ed. 2004, p. 2.

¹⁰João Peixoto, “A emigração” in *História da Expansão Portuguesa, Vol. 5: Último Império e recentramento (1930-1998)*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2002, p. 158.

¹¹Portugiesische Botschaft, *Ibidem*.

¹² Em 31.12.2007, a República Federal da Alemanha contava 7.255.395 habitantes estrangeiros. No mesmo ano, residiam 114.552 portugueses na Alemanha, número superior ao da população espanhola (106.549), o que se explica pelo facto de a emigração portuguesa para a Alemanha ter aumentado consideravelmente durante o período de 1990 a 1996, altura em que a reconstrução da Alemanha de Leste exigia mão-de-obra na construção civil.

¹³ A designação oficial da Lei é a seguinte: “Lei de regulamento e restrição da imigração e de regulamentação da residência e integração de cidadãos europeus e de estrangeiros” (*Gesetz zur Steuerung und Begrenzung der Zuwanderung und zur Regelung des Aufenthalts und der Integration von Unionsbürgern und Ausländern*), sendo assim a primeira medida legislativa que faz referência à integração da população estrangeira.

¹⁴ Pierre Nora, *Les Lieux de mémoire*. Paris: Gallimard, 1984-1992.

¹⁵ *Erinnerungsakt und Tagung Armando Rodrigues de Sá. Der millionste Gastarbeiter, das Moped und die bundesdeutsche Einwanderungsgesellschaft* (Domit et al., 2004).

¹⁶ A DOMiD foi fundada em 2007, resultando da fusão da DOMiT – Centro de Documentação e Museu da Migração Turca – e da Associação Museu de Migração na Alemanha.

¹⁷ Dietrich Hackenberg, “Migration im Bild. Fotografie und Internet als Formen visueller Präsentation zur Migrationsgeschichte” In: *Geschichte und Gedächtnis in der Einwanderungsgesellschaft. Migration zwischen historischer Rekonstruktion und Erinnerungspolitik*. Edited by Jan Motte and Rainer Ohliger. Essen: Klartext, 2004, pp. 181-187.

¹⁸ *Angekommen. Bahnhof Köln-Deutz. Migrantengeschichten aus 40 Jahren* (Domit et al., 2004).

¹⁹ “Como representantes de la Administración de Trabajo de la República Federal de Alemania tenemos el placer de darles la bienvenida en suelo alemán como nuevos trabajadores de nuestra economía” (Domit et al., 2004).

3. MEMÓRIA

É este, pois, o contexto da imigração na Alemanha e da emigração portuguesa na segunda metade do século XX e que se entrecruza na assinatura do acordo de contratação de trabalhadores e que tem a sua expressão simbólica na entrada do milionésimo “trabalhador-convidado”. A questão que nos ocupará em seguida é a de saber qual a importância deste passado nas construções de identidade nacional em ambos os países. As práticas de memorialística que podemos constatar hoje em dia podem ajudar a conhecer a função da memória das migrações em ambos os países.

Hoje em dia, a Alemanha conta cerca de 7,3 milhões de estrangeiros, o que constitui cerca de 8,8% da população residente (Statistisches Bundesamt 2008)¹². Os países de origem mais representados continuam a ser a Turquia e a Itália, o que revela a importância da fase dos “trabalhadores-convidados” na formação de uma sociedade multicultural na Alemanha. Apesar desta realidade, só em 2004, após 50 anos de imigração de facto e longos debates públicos sobre a migração, a classe política reconhecia a Alemanha como um país de imigração, ao criar a primeira legislação adequada a esta realidade, através da chamada Lei da Imigração, de 5 de Agosto de 2004¹³. O discurso e a prática política passaram, desde então, a orientar-se pela necessidade de integração. Como um despertar tardio para a realidade dos “trabalhadores-convidados” que acabaram por permanecer, a legislação aposta na integração dos imigrantes residentes, através dos chamados cursos de integração, cuja componente mais importante é a aprendizagem da língua alemã.

A aprovação da primeira Lei da Imigração era flanqueada por discussões no espaço público, que, mais do que meras disputas políticas, mostraram ser negociações de memória colectiva e, conseqüentemente, de identidade nacional. A aprovação da Lei veio legitimar a vontade de vários grupos sociais de reconhecer o papel fundamental dos imigrantes na reconstrução da Alemanha e, como tal, de fazer da imigração um “lugar de memória” da identidade alemã, entendendo como Pierre Nora por lugar de memória objectivações do passado de uma nação, nas quais se cristaliza a identidade colectiva da mesma¹⁴. O ano de 2004 mostrava ser adequado às práticas memorialísticas da migração. Nesse ano celebrava-se o 40.º aniversário da chegada do milionésimo trabalhador-convidado na Alemanha, o que levou à realização de várias iniciativas, como exposições, conferências e projectos dedicados à imigração espanhola e portuguesa. Exemplo de tais iniciativas foi o “Acto de Memória e Conferência Armando Rodrigues de Sá. O milionésimo trabalhador-convidado, a mota e a sociedade de imigração alemã”¹⁵, que teve lugar na estação de Köln-Deutz entre 8 e 9 de Setembro de 2004. A iniciativa – levada a cabo pela associação DOMiD, Centro de Documentação e Museu da Migração na Alemanha¹⁶, em cooperação com o Estado Federal da Renânia do Norte-Vestefália – empregava nada mais do que a imagem de Armando Rodrigues de Sá nos cartazes de divulgação, bem como a sua biografia para a reflexão crítica da história da fase de recrutamento dos “trabalhadores-convidados”. A escolha da fotografia de Armando Rodrigues de Sá como motivo e da estação de Köln-Deutz como local da iniciativa inscrevem-se na tentativa de elevá-los a lugares de memória e, com eles, a história recente da imigração na Alemanha a pilares da identidade colectiva. Com efeito, tanto a fotografia como a mota de Armando de Sá se encontram hoje em dia na Casa-Museu da História Alemã em Bona, de cuja exposição permante fazem parte¹⁷ – o que faz de Armando de Sá um símbolo e da imigração na RFA um lugar de memória da identidade nacional.

Neste esforço de integrar a história recente da imigração na memória colectiva alemã se inscreve igualmente o projecto interactivo “Chegados. Estação Köln-Deutz. 40 Anos de Histórias de Imigrantes”¹⁸, realizado pelas mesmas instituições também por ocasião dos 40 anos da entrada do milionésimo “trabalhador-convidado” na Alemanha. O cenário escolhido para o genérico de abertura é o da estação de Köln-Deutz. A esta imagem se associa o som do comboio, travando à entrada na estação, e o som das boas-vindas dadas em castelhano aos “trabalhadores-convidados” vindos da Península Ibérica através dos haltifalantes da estação¹⁹. A estação apresenta-se, aqui, enquanto espaço social da migração e ponto de confluência entre a emigração e a imigração. Através do som e da imagem, procura-se estimular a memória desta época. Para além disso, o projecto procura reconstituir a memória geracional, dando voz aos protagonistas desta fase da imigração. É possível ler as entrevistas de emigrantes portugueses e espanhóis, que deram entrada na estação de Köln-Deutz durante a década de 1960; mais ainda, é possível ouvi-las. Os relatos, escritos e orais, são feitos na primeira pessoa, pelo que o objectivo não é o de re-

escrever a história, mas sim o de recuperar a memória das testemunhas desta época – uma memória necessariamente subjectiva e emotiva.

Também o ano de 2005 oferecia enlances para recordar o papel dos imigrantes na história recente da Alemanha. Nesse ano celebrava-se o 50º aniversário do primeiro acordo de contratação, celebrado com a Itália. Por essa altura realizaram-se também várias exposições dedicadas ao fenómeno dos “trabalhadores-convidados”, aqui já incidindo nos grupos mais numerosos – turcos e italianos – e não tanto na emigração ibérica. Exemplos de projectos semelhantes de recolha de testemunhos de imigrantes na Alemanha são o “Arquivo Áudio da Migração. Histórias de Migração Contadas”²⁰, o projecto “Reconstrução da Alemanha Ocidental. Deportação e Milagre Económico”²¹, “Chegados. La Regione della Ruhr. Histórias de Migrantes da Indústria Mineira”²², entre muitos outros.

Estas iniciativas lembravam a história recente da imigração e sublinhavam a necessidade de criar um museu da imigração, que pudesse coordenar a investigação e a divulgação do tema. A associação DOMiD tem desempenhado um papel fundamental na consciencialização no espaço público da necessidade de um Museu da Imigração na Alemanha. Enquanto não é criado o museu, a DOMiD tem organizado exposições e conferências e, praticamente, assumido a função museológica, pedagógica e científica do futuro museu da imigração.

Se a criação de um museu da imigração se encontra ainda em fase de projecto, o ano de 2005 assistiu à não menos importante criação do primeiro museu da emigração alemã, o museu “Casa Alemã da Emigração”²³, em Bremerhaven. Também este museu aposta na recriação dos ambientes de emigração. O site oficial do museu alia o som de ondas marítimas e dos vapores às imagens da Estátua da Liberdade e de Elis Island, com o intuito de estimular a memória do passado da emigração alemã. A exposição permanente concentra-se em dois períodos fulcrais da história da emigração alemã para o continente americano: o êxodo de populações rurais em busca de melhores condições de vida durante o século XIX e a fuga de cidadãos judeus perseguidos pelo regime nazi entre 1933-1945. O museu assume uma função importante principalmente na divulgação da emigração alemã do século XIX, motivada pela pobreza e falta de perspectivas, e, consequentemente, no reconhecimento da emigração económica como parte integrante da história e da identidade nacionais.

Também em Portugal se tem vindo a assistir, nos últimos anos, a práticas memorialísticas relacionadas com a migração que mostram ao público aspectos da emigração portuguesa dos séculos XIX e XX. Exemplos disso são exposições como *Terra longe, terra perto*, o ciclo de Cinema *Emigração Portuguesa* ou a criação do Museu da Emigração. Nestas iniciativas encontramos alguns traços comuns com as práticas memorialistas na Alemanha. Atentemos, para uma comparação, no exemplo do Museu da Emigração.

Em 2001 era criado o primeiro e até agora único Museu da Emigração em Portugal. O Museu da Emigração e das Comunidades foi criado em Fafe, um concelho marcado pela emigração para o Brasil no século XIX. O objectivo do museu é, segundo o seu director, “trabalhar a memória da emigração numa perspectiva dupla: a partida e o retorno”²⁴. O museu é concebido apenas em parte como um espaço físico. O seu núcleo principal é constituído por seis núcleos temáticos divulgados no site do museu. O director do museu justifica esta opção com as seguintes palavras: “O Museu projecta-se como um *Webmuseu* no sentido comunicacional, ou seja, como uma plataforma informativa e de dinamização de actividades de pesquisa e divulgação, tendo como destinatários privilegiados os emigrantes”²⁵. Tal como nas iniciativas alemãs, também no *Webmuseu* português da emigração se dá importância aos emigrantes enquanto agentes da mobilidade, o que se evidencia na preocupação em reconstruir a atmosfera da emigração, com elementos típicos dos fenómenos migratórios: a espera, as malas, a estação de caminhos-de-ferro. Tal como as iniciativas museológicas alemãs, também o Museu da Emigração tem como um dos objectivos principais o de organizar um arquivo com a documentação de relatos das testemunhas da emigração. Na página da memória podemos aceder a relatos de pessoas que emigraram para o Brasil e regressaram a Portugal. Relatos que nos chegam em forma escrita, normalmente cartas, já que, ao contrário da emigração portuguesa do século XX, os emigrantes brasileiros da primeira geração já não vivem, não podendo, pois, dar um contributo directo para a memória geracional da emigração. Ao privilegiar os emigrantes como actores e a participação activa de descendentes, o museu assemelha-se muito ao projecto “Chegados”. Também o projecto “Sudexpress”, dedicado à emigração portuguesa, desta feita à emigração para a França na segunda década do século XX, se inscreve

²⁰ *Migration-Audio-Archiv.de. Erzählte Migrationsgeschichte* (www.migration-audio-archiv.de).

²¹ *Aufbau West. Vertreibung und Wirtschaftswunder* (www.lwl.org/LWL/Kultur/Aufbau_West/home).

²² *Angekommen. La Regione della Ruhr. Migrantengeschichten aus dem Bergbau* (www.angekommen.com/italiener/index.html).

²³ *Deutsches Auswandererhaus Bremerhaven* (www.dah-bremerhaven.de). O museu foi galardoado pelo European Museum Forum com o prémio European Museum of the Year 2007.

²⁴ Miguel Monteiro, “O que somos?” in: *Museu da Emigração e das Comunidades*, www.museu-emigrantes.org, 2001.

²⁵ *Ibidem*.

²⁶ Jan Assmann, Tonio Hölscher, *Kultur und Gedächtnis*. Frankfurt a.M.: Suhrkamp, 1988, p. 12.

²⁷ Aytaç Eryilmaz, 2004, p. 306.

nesta tentativa de recuperar a memória individual dos sujeitos da emigração e de torná-la parte da memória colectiva compartilhada pela comunidade. Também aqui se procura reconstruir a atmosfera da emigração portuguesa para a França através das imagens – as malas, os comboios, o Sudexpress por excelência, a Guerra Colonial, a Revolução de Abril – e dos sons – aqui, tal como em “Chegados”, o som do comboio entrando na estação e os anúncios feitos por altifalante. Este projecto é denominado “Memória Viva” e não é por acaso. Também aqui o objectivo é dar voz aos protagonistas da emigração – em forma de relatos pessoais. Os relatos são apresentados em forma de diário, enfatizando a importância de conhecer a memória dos emigrados.

4. MIGRAÇÃO E MEMÓRIA

A comparação dos actuais fenómenos de musealização da migração na Alemanha e em Portugal permite-nos reflectir sobre a função da memória colectiva na consolidação de uma identidade comum partilhada.

Podemos constatar em ambos os países o cuidado de preservar a memória daqueles que foram os protagonistas dos movimentos migratórios na Europa do século XX. Tanto na Alemanha como em Portugal, os grupos empenhados na preservação da memória da migração fazem uso das possibilidades técnicas existentes hoje em dia para recriar as atmosferas da migração tal como foram vividas por aqueles que emigraram, através de vídeo e som. Esta reconstrução de atmosferas através de imagens e sons apela às emoções e não à percepção objectiva da migração. No entanto, o recurso às possibilidades técnicas prende-se igualmente com o objectivo de arquivar os testemunhos de quem viveu a emigração. Texto, imagem e som contribuem para o arquivo das memórias, captadas através de entrevistas àqueles que viveram a emigração e cujo testemunho desapareceria com o desaparecimento físico das pessoas.

Como explicar o surgimento de projectos tão semelhantes em contextos distintos das migrações na Europa? Os teóricos alemães Jan e Aleida Assmann defendem que o desaparecimento natural das testemunhas de um determinado tema da história de uma nação conduz a um processo de transição da memória transmitida de geração em geração para uma forma institucionalizada de memória colectiva. Este período de transição é caracterizado por processos de negociação no espaço público da memória. Destes processos de negociação resulta um de dois cenários: ou o acontecimento é relegado para o âmbito da História, perdendo a relevância social; ou o mesmo acontecimento trasita para o repertório da memória colectiva de uma nação, tornando-se assim um lugar de memória colectiva, um alicerce de identidade nacional²⁶.

Em Portugal e na Alemanha assistimos a uma mudança geracional e à consequente necessidade de discutir a passagem ou não do fenómeno da migração para a memória colectiva. Assim se compreendem as múltiplas iniciativas de colocar o tema da migração no espaço público, bem como a necessidade de arquivar os testemunhos destes fenómenos – pois só assim será possível que a migração faça parte da memória colectiva em ambos os países.

O director da associação DOMiD e principal defensor da criação de um museu da imigração na Alemanha, Aytaç Eryilmaz, reconhece a importância deste trabalho de documentação ao afirmar:

Se não comerçarmos em breve a construção de um museu central das migrações, estas colecções e entrevistas privadas da primeira geração de imigrantes poderá desaparecer para sempre, pois os representantes desta geração já se encontram em idade de reforma.²⁷

Com estas palavras, Eryilmaz reconhece que, se o trabalho documental não for feito, o tema da imigração para a Alemanha no contexto do pós-guerra desaparecerá, ou seja, cairá no esquecimento. Para que tal não aconteça – ou seja, para que o tema seja elevado a lugar de memória da nação alemã – será necessário institucionalizar a sua presença no espaço público, através, por exemplo, de um museu. O museu cumpre a função dupla de arquivar e de transmitir ao público o conhecimento desta época. Também o projecto “Sudexpress” reconhece a necessidade de arquivar os testemunhos pessoais da emigração portuguesa, de modo a elevá-la a tema da memória colectiva: “Participar na escrita dos cadernos pessoais que propomos permite passar das recordações pessoais a uma memória

colectiva, inscrever as narrativas pessoais numa história social”²⁸.

A musealização da migração contribui, assim, para o reconhecimento da migração como parte integrante da memória colectiva ou, pelo contrário, para relegar o tema no sotão esquecido da História, de algo passado – com o efeito de distanciamento entre uma identidade presente e o passado?

As iniciativas levadas a cabo na Alemanha por grupos de imigrantes não oferecem dúvidas. Elevar o tema da imigração dos anos 50 a 70 a lugar de memória significa obrigar a classe política a reconhecer a imigração como traço fundamental da identidade colectiva da RFA – um traço que caracteriza não só o passado, mas também o presente e o futuro. A Alemanha é um país de imigração e continuará a sê-lo no futuro.

E Portugal? Qual o significado destas iniciativas num país que sempre reconheceu a emigração como uma constante estrutural da sua história e que, no presente, se vê confrontado com o fenómeno da imigração? É precisamente nesta intersecção entre emigração e imigração que podemos contextualizar a procura em manter viva a memória da emigração portuguesa. O Museu da Emigração tem por objectivo criar não apenas a consciência da emigração como constante estrutural da história portuguesa, mas mais ainda a consciência de ser a migração uma constante das sociedades actuais. A consciência de viver num país em que a emigração tem tradição contribui para fomentar nos seus cidadão maior abertura para os fenómenos mais recentes de imigração. As actividades promovidas pelo Museu da Emigração durante o Ano Europeu do Diálogo Intercultural são exemplos desta preocupação. O museu promoveu uma série de actividades dedicadas à língua e às manifestações culturais das populações crioulas em Portugal²⁹.

Numa Europa que conheceu o êxodo das suas populações para o continente americano na segunda metade do século XIX; numa Europa que se tornou hoje em dia um destino privilegiado dos movimentos migratórios internacionais; e, finalmente, numa Europa cuja política restrita de imigração parece querer esquecer o próprio passado de emigração – nesta Europa a musealização da migração desempenha uma importante função social. Os exemplos da Alemanha e de Portugal mostram-nos o esforço de alguns grupos em fazer da migração parte integrante da memória colectiva de sociedades que se pretendem assumir como multiculturais. ▽

Resumo

Este ensaio procurará reflectir os percursos históricos da emigração portuguesa e da imigração alemã no século XX, que em muitos momentos se cruzam. Será tida em conta também a importância que estes fenómenos migratórios tiveram na formação da identidade cultural de ambos os países. Abordar-se-á a natureza e a importância dos Museus da Emigração como locais de memória indispensáveis à identidade cultural destas duas nações europeias, sobretudo num momento em que a Europa é um dos destinos preferenciais da imigração internacional e é necessário que a população encontre no seu passado de migrações a compreensão necessária ao contacto com os imigrantes.

Palavras-Chaves: Emigração; Imigração; Identidade nacional; Europa; Memória.

Abstract

This essay will seek to reflect the historical ways of portuguese emigration and german immigration on the 20th century, in wich many moments intersect. It will also be considered the importance that this migrations phenomena had in the formation of cultural identity's in both countries. The nature and importance of the Emigration Museums will be approached as essential locations to the memory of this two european nations, especially at a time when Europe is one of the most chosen destinations for international immigration. Therefore it is necessary that the population finds in its own past migrations the necessary understanding to contact with immigrants.

Key-Words: Emigration; Immigration; National Identity; Europe; Memory.

²⁸ Sudexpress, Atelier de Escrita. In *Sudexpress*. www.sudexpress.org/Chroniques/ouverture2.php, 2003.

²⁹ Teresa Pinheiro, “Emigration, Immigration and Interculturality: The Meaning of the European Year of Intercultural Dialogue in Portugal”, in: *Eurotimes. Journal of the Institute for Euroregional Studies “Jean Monnet” European Centre of Excellence*, 2008, 8, pp. 63-73.